

A eterna dança das cadeiras na Petrobras

» GUILHERME MARQUES MOURA

Doutor em Desenvolvimento Econômico, é professor da Escola de Negócios da Universidade Positivo (UP)

Apesar da comoção de mercado, a vida do presidente da maior petroleira nacional, a Petrobras, geralmente é marcada pela instabilidade. Com a saída anunciada em 28 de março, Joaquim Silva e Luna cede espaço para o 11º gestor da companhia neste século, José Mauro Coelho. Com exceção de Sérgio Gabrielli e Maria das Graças Foster, que se mantiveram no cargo por quase sete anos e três anos, respectivamente, o comandante da empresa não costuma durar mais do que dois anos. Apesar de a Petrobras contar com o capital privado e responder ao mercado, a decisão de permanência, ou não, do seu gestor é determinada pelo presidente. Nessa dança da cadeira, é necessário avaliar o perfil do novo presidente da companhia, os fatores que levaram a essa troca e quais as perspectivas futuras.

Com doutorado em planejamento energético e mestrado em ciências dos materiais, José Mauro era secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia. Anteriormente, fez carreira na Empresa de Pesquisa Energética (EPE), estatal do governo responsável pelo planejamento do setor elétrico. Os currículos acadêmico e profissional validam sua escolha como o 40º presidente da Petrobras. Publicamente, ele defendeu a prática

de preços internacionais dos combustíveis no país, alegando que preços artificiais poderiam causar desabastecimento do mercado.

Ligado à ala militar, Joaquim Silva e Luna assumiu a presidência da Petrobras buscando equilibrar os interesses entre acionistas/investidores e a sociedade. Com a promessa de não intervir na política de preços da empresa, o general da reserva é substituído após reajustar os derivados de petróleo em mais de 18% em março de 2022. O petróleo é precificado internacionalmente e, com a guerra Rússia-Ucrânia e a disparada do dólar, ficou insustentável a manutenção dos preços dos combustíveis. Essa mudança sinaliza que o apoio da sociedade pode ser mais relevante que o de mercado, ainda mais considerando o ano de eleição. Tal que, José Mauro seria uma resposta de Bolsonaro à política de preços adotada pela estatal.

Entretanto, o novo gestor da companhia argumentou que a escalada dos preços do petróleo era um problema global. Dado que o Brasil é um importador de combustíveis, Coelho ressaltou a necessidade de a Petrobras praticar preços alinhados às cotações internacionais. Por esse motivo, parece improvável que ocorra uma mudança na política de preços da Petrobras, tanto que o preço de mercado da companhia pouco

se alterou com a troca de comando. Contrapondo essa possível manutenção da paridade internacional no preço do petróleo, José Mauro criticou publicamente o “efeito cascata” gerado pela cobrança do ICMS estadual sobre os preços dos combustíveis. Segundo Coelho, o aumento do combustível causa um aumento no imposto, que é calculado como um percentual sobre o preço final do combustível, elevando ainda mais o preço ao consumidor.

Dadas as repercussões político-econômicas da última intervenção direta no preço do petróleo, parece improvável que a nova troca de presidente na Petrobras modifique abruptamente o modus operandi da empresa. Essa modificação representa uma resposta muito mais política do que econômica, o que pode ser útil em anos eleitorais. De fato, José Mauro apresenta as qualificações necessárias para dirigir a empresa, mas, será que os seus antecessores não eram igualmente qualificados? A gestão da empresa se assemelha bastante à de um time de futebol, em que, a qualquer sinal de problema, troca-se o gestor. Entretanto, essa alternativa nem sempre melhora os resultados do time. E, no caso da Petrobras, possivelmente não trará a redução dos preços dos combustíveis.



Maldição de Águas Claras

» SILVESTRE GORGULHO

Jornalista, foi secretário da Cultura do DF

Outambor faz muito barulho, mas é vazio por dentro. A sátira é vazia por dentro, mas faz um barulho danado. Na política, a sátira combate o mau humor, os extremismos e a polarização de ideias. Como todos preveem uma campanha acalorada para a próxima eleição, o melhor mesmo é ir de sátira — debate entre diferentes partidos. Tempo bom é quando a liberdade de escolha vale como direito de todos, mas infelizmente são poucos os que a exercem com bom humor e elegância. Com maldições e sem maldições.

Mediador — Maldição que se repete é sempre praga que pega. É como rastilho de pólvora se cai na boca do povo. E todo eleitor atento acompanha e não nega mistérios de uma campanha que, a cada pleito novo, derrama promessas e dinheiro de fazer perder a fé. A política candanga, parecendo cobra-cega, assusta os candidatos e também os eleitores, deixando cada um deles de cabelo bem em pé. Para começar o debate, coloco esta questão: por que granjas em Brasília têm morador diferente? Nelas só moram ministros, governador, presidente? Se granja é feita para bicho, por que essa tradição?

Candidato do PT — Só pode ser por capricho que os granjeiros daqui são gente posicionada lá no mais alto escalão. Tem a Granja do Ipê, com segurança e conforto. Tem granja até com haras para fazer equitação como

a Granja do Torto, onde morou por um tempo, longe do cheiro do povo, o chefe maior da nação. A Granja de Águas Claras virou casa oficial do governador do DF e lugar de reunião. Mas uma coisa acontece, pois nessa granja atual — e isso ninguém esquece — tem ponto na contramão, pois os fatos se repetem a cada nova eleição.

Candidato de PTB — Desde que a Abadia instalou o seu governo-tampão como vice do Roriz, começou a maldição. Começou uma sequência de fatos inexplicáveis. Pode acompanhar a história, pois nunca ela mente. Primeiro foi sedução, mas tudo mudou muito fácil, teve até primeiro-damo com nome de Bonifácio, que não aguentou o rojão e saiu pela tangente.

Candidato do MDB — A maldição é constante para quem ali passou. Veio o Arruda e sofreu o pão que até o diabo amassou. O Rosso perdeu o rumo e não acertou mais o prumo depois que, lá em Águas Claras, foi tocar sua guitarra. Tentou até se reeleger e acabou tomando choques igualzinho ao senador Hélio José Gambiarra.

Candidato do PTB — Um por um, todos perderam e ninguém saiu ileso. Teve candidato preso antes e depois da eleição. O Agnelo talvez saiba e o Rollemberg também, mas ficam de bico calado e não contam para ninguém. O fato é que a maldição está no governador da vez. Não vai ter corpo fechado, nem mesmo para o Ibaneis. É só esperar a eleição para ver o que vai dar: a maldição continua ou a praga vai acabar?

Candidato do PSB — Nosso eleitor não tem medo, mas precisa explicação — qual será o segredo de tamanha controvérsia? Águas Claras é sombra que está fora da curva. Quem sabe se troca o nome e dou aqui sugestão. Os novos tempos anunciam: a Granja da Água Turva.

Candidato do PL — Já que ninguém consegue se livrar dessa desgraça que se repete há anos, sempre na mesma praça, lanço logo o desafio, garanto, digo e anuncio. Quem descobrir o segredo desse mistério sem fim vai beber vinho de graça com um passaporte azul nos bares filiados que ficam na Asa Sul. E ainda tem um bônus que meu partido vai dar. Pagamos toda a campanha do começo, meio e fim. Nosso trato é muito sério e inclui até uma foto para levar para casa um legítimo vale-voto feito bem sob medida pelas urnas do Fachin.

Mediador — Esse debate foi bom, mas o tempo já se esgotou. A política sempre ensina uma belíssima lição. Não adianta falar mal, nem mesmo da maldição. Nas voltas que a vida dá, há que ter mais tolerância, pois os inimigos de hoje, na próxima eleição, podem estar muito juntinhos defendendo a mesma fé. E aí, como é que é? Amiguinhos de infância? Eu só tenho uma certeza, pois guardem este segredo. Um candidato sem medo é igualzinho ao mar que, em vez de sair para briga, tira seu rei da barriga, e vai logo abraçar o mais terrível rochedo.

Eu joguei basquete com Pipoka

» GLAUCIO RIBEIRO DE PINHO

Ex-jogador de basquete

É comum ouvir essa frase em Brasília. Colegas do trabalho, vizinhos, nas quadras de esporte, alguém cita o nome dele e, imediatamente, lá vem: eu joguei com ele. João José Vianna começou a jogar basquete aos 10 anos de idade, no Minas Brasília Tênis Clube, com o seu Pedro Rodrigues, um dos grandes técnicos do Distrito Federal. Sua carreira de campeão despontou cedo. Do Minas foi para o Clube Vizinhança, tornou-se campeão de Brasília pela primeira vez aos 16 anos, e nunca mais parou de acumular títulos.

No ano seguinte, foi campeão juvenil no Distrito Federal jogando pelo Clube da Associação dos Economistas de Brasília (AEB), cujo time também conquistou o Campeonato Brasileiro em 1980. Aí a cidade ficou pequena e Pipoka ganhou o Brasil e foi para o Tênis Clube de São José dos Campos, em São Paulo.

E, após ser campeão por outros clubes, o Brasil ficou pequeno e foi jogar no exterior, passando por diversos países, inclusive tendo sido um dos primeiros brasileiros a atuar na NBA (National Basketball Association) pelo Dallas Mavericks. Fez parte da Seleção Brasileira por 12 anos, participou de três Olimpíadas (1988, 1992 e 1996) e de quatro mundiais de basquete (1986, 1990, 1994 e 1998), compondo o nosso dreamteam que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 1987, quando o Brasil venceu a seleção dos Estados Unidos na memorável final realizada na casa do adversário, em Indianápolis.

Mas Pipoka nunca se esqueceu de Brasília. Lembro-me que quando o encontrei pela primeira vez, após ter jogado em 28 países, ele me disse que aqui estava sua família, seus amigos e aqui era sua cidade, seu país. E voltou para terminar a carreira vitoriosa e, como sempre, encerrou-a em grande estilo. Com a formação de um time que, até então, a capital nunca tinha visto. Foram campeões brasileiros por três anos consecutivos. Sua participação despertou a população que formou torcidas e compareceu aos jogos. O ápice de sua carreira se deu quando registrou o maior público presente em uma partida de basquete realizada no Brasil, com 24.286 torcedores na histórica vitória de 101 a 76 contra o Flamengo, em partida realizada no dia 1º de maio de 2007 no Ginásio Nilson Nelson.

Até o último jogo, sua postura profissional era impressionante. Para se manter em forma aos 43 anos, quando jogou a última partida, ainda adotava a rotina espartana de acordar às 4h30 da manhã diariamente, ir à academia, ter uma alimentação adequada, ser assíduo na prática de arremessos e na participação dos treinos coletivos sem faltar a nenhum. Pipoka sempre jogou em equipe, para o time. E, com a experiência que tinha, era a âncora daquele time vencedor.

Casado com Denise, o amor de sua adolescência, e que sempre o apoiou, tem três filhos, João Felipe, Rebeca e José Maurício, e um neto formado em educação física, com mestrado em políticas públicas. Professor universitário e coordenador dos cursos de educação física e fisioterapia, Pipoka é um exemplo de ídolo do esporte que precisamos buscar, ressaltar e mostrar às crianças. Talvez, por isso, tenha sido homenageado, em 20 de abril, com a Medalha de Honra ao Mérito da Câmara dos Deputados. Mais uma medalha para sua coleção.

Ah! Antes que eu me esqueça, eu também joguei com Pipoka, naquele time campeão do Vizinhança e da AEB.